

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTÊS CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

Julio Cesar Aranda

EL VIVERO DE LAS MEMORIAS:
FATOS (AUTO)BIOGRÁFICOS COMO DISPOSITIVO CRIATIVO (*FORMADOR*) PARA O ARTISTA
PROFESSOR

SANTA MARIA, RS
2017

Julio Cesar Aranda

EL VIVERO DE LAS MEMORIAS:
FATOS (AUTO)BIOGRÁFICOS COMO DISPOSITIVO CRIATIVO (*FORMADOR*) PARA O ARTISTA
PROFESSOR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Artes Cênicas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de **Licenciado em Teatro**.

Orientadora: Profa. Ma. Inajá Neckel

Santa Maria, RS
2017

Julio Cesar Aranda

EL VIVERO DE LAS MEMORIAS:
FATOS (AUTO)BIOGRÁFICOS COMO DISPOSITIVO CRIATIVO (*FORMADOR*) PARA O ARTISTA PROFESSOR

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de **Licenciado em Teatro**.

Aprovado em: _____

Inajá Neckel, Ma.
(Presidente/Orientadora)

Raquel Guerra, Dra.

Miriam Benigna Lessa Dias, Dra.

Santa Maria,
2017

Dedico esse trabalho para as flores mais belas que tive a oportunidade de conhecer nesse jardim chamado vida. Para minha vó, Diamantina e para Dona Olga.

Agradecimentos

Agradeço à minha família, principalmente aos meus pais! Mãe, obrigado pela fortaleza, obrigado por ter abdicado muitas vezes da tua vida para estar presente na minha. Pai, obrigado por me olhar nos olhos e conseguir ler minha essência, obrigado por ser meu herói. Agradeço a minha avó Diamantina, por me ensinar a ter respeito pelo próximo, por me permitir ser uma criança brincante, por me amar e me permitir sonhar. Obrigado por me apoiar em tudo, principalmente quando decidi trilhar esse caminho no teatro, eu te amo!

Obrigado, Cândice, por estar presente comigo no início dessa viagem. Por acreditar e me incentivar. Obrigado, Ina, por não ter medo de entrar em uma embarcação que já estava navegando. Por sorrir quando eu precisava, e por me mostrar que é possível sim dizer “não!”.

Agradeço ao Curso de Licenciatura em Teatro – UFSM, aos amigos que criei e fizeram parte dessa história. Agradeço de forma especial aos professores que foram exemplos de coragem, sensibilidade e amor pelo teatro, aqueles que me ajudaram a ver o mundo docente de uma forma diferenciada. Obrigado, André Rosa, o meu mestre de ontem, de hoje e de sempre. André Assmann, querido amigo, professor potente. Raquel Guerra, obrigado por se “desequilibrar” e permitir que teus alunos também se “desequilibrem”. Obrigado, Miriam Benigna, por ser esse espírito de luz presente na terra. Agradeço com muito carinho e admiração também a Irene Teixeira, a dona do CAL.

Ao meu companheiro de vida, de teatro, de docência, Helquer Paez, por me fazer voar e amar. Aos meus gatos, Rafael e Azul, que com sua fofura felina estiveram sempre ou nos meus pés ou no meu colo durante a escrita deste trabalho. À Cia. Retalhos de Teatro. Meu grupo, meu navio. À minha pequena afilhada Nina Aurora por me fazer conhecer o amor de forma concreta.

Aos meus amigos de alma. Lucas Noro, Andrezza Bond, Natália Argiles, Luiza Barbosa e Fernanda Nunez por estarem sempre por perto, mesmo que longe, ouvindo e administrando minhas crises.

As minhas colegas de TCC, Aline Lauermann e Raquel Zepka, pelo carinho de sempre.

Ao Lar das Vovozinhas e suas “flores/memórias”.

Agradeço ao Julio criança, que ainda vive dentro de mim. Esse Julio, que junto da Memória me guiou para o nascimento desse *Vivero!*

Obrigado a todos os encontros e despedidas, obrigado a todos que estão guardados na minha memória e no meu coração! Gratidão!

*Eu acredito no céu. Lá não haverá prantos, não haverá lutas, não
haverá mais nada. Só alegria.*

M.

Sumário

1 Queridos leitores	7
2 Um ensaio sobre mim, Memória!	8
3 Rascunho: a Memória, eu, nós inquietos	13
4 <i>Abuelo. Abuela, Vivero</i>	14
5 Roda de memórias e o lar das vovozinhas	17
6 Meu mundo invertido	22
<i>6.1 Tudo Errado City e o Bombeiro Mascarado</i>	<i>22</i>
<i>6.2 O ônibus!</i>	<i>28</i>
<i>6.3 Abuela</i>	<i>29</i>
<i>6.4 A morte do Bombeiro Mascarado</i>	<i>30</i>
<i>6.5 Romina, a galinha</i>	<i>32</i>
7 Raízes	33
8 Dança das memórias	37
Referências Bibliográficas	38

1 Queridos leitores

Queridos leitores! Sejam bem vindos ao *Vivero*, um livro tecido pela memória, que se torna concreto através desse trabalho de conclusão de curso. Aqui busco levantar questões sobre os fatos (auto)biográficos a partir da memória, e como essas experiências rememoradas podem reverberar de forma criativa e formadora na trajetória do artista-professor. É utilizando de vivências que eu e a Memória, minha principal interlocutora, traçaremos uma linha do tempo através de escritos e de contos presentes no *Vivero*, identificando pontos que interligam três momentos específicos da minha caminhada: a infância lúdica, a adolescência pré-teatro, a minha trajetória acadêmica, e o fazer teatral dentro e fora do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria, RS. O trabalho inicialmente surge de uma vontade de criar um espetáculo solo, que se transforma quando percebo a potência da escrita literária, da ficção que se reverberam através desses fatos (auto)biográficos. A metodologia que guiou a escrita desse trabalho nunca foi bem definida, ela foi se concretizando pelo processo de vivência, de lembranças, e de vontades. O trabalho se inicia de uma vontade que era o espetáculo solo, e vai se construindo, se metamorfando, até chegar no mote principal, que se resume na escrita física do *Vivero*. É uma inversão de mundos, e é nessa inversão de mundos que me encontro e identifico o objetivo principal do trabalho. Viajar, com as minhas Memórias, refletir sobre a minha formação, e sobre minha ética artística apoiado em contos ficcionais que definem momentos de virada na minha vida. Assim, como a escrita desse *Vivero*. Peguem suas canetas, lápis, pinceis imaginários e adentrem conosco nessa viagem no tempo. Obrigado pela atenção. Tenham uma ótima leitura!

2 Um ensaio sobre mim, Memória!

O poeta escreve poesia para ser criança todo dia
Fernando Paixão

Nem tudo o que é vivido se perde no esquecimento. Eu tenho vida própria, sou como um quebra-cabeça, pronta para me encaixar em pequenas brechas. Sou como uma roda gigante com milhares de assentos, e sim, estou sempre em movimento. Eu sou a Memória! Eu me faço presente em tudo, faço-me presente em todos. Eu sou você e você sou eu. Somos dois, e somos um só ao mesmo tempo. O que eu quero? Quero transformar o passado em presente, outras vezes prefiro não reviver certas coisas. Sou indecisa, sou inconstante. Sou viva! Sou vida! E como gosto de frisar isso! Se eu tenho corpo? Ah, se tenho! Estou presente no seu. Também tenho alma! Estou presente na sua. Os sentimentos? Contento-me com os seus. É bonito viver assim, é bonito ser assim! Posso afirmar que essa frase me define muito bem: “*dona da minha cabeça, ela vem como um carnaval, e toda paixão recomeça, ela é bonita, demais*”, parafraseando Geraldo¹.

É através dessa embarcação que navega pelos mares da memória do meu hospedeiro, que juntos chegamos até aqui, na construção desse Trabalho de Conclusão de Curso, que revela partes do trajeto do aluno e profissional de teatro Julio Cesar Aranda, através da sua (auto)biografia e do seu interesse já antigo por escrever histórias ficcionais. O trabalho se concretiza em formato de livro, um memorial artístico. Ao andar da carruagem por esses escritos, ajudarei meu companheiro a contextualizar a relação dos seus fatos (auto)biográficos com sua formação docente e artística, e como a presença dos relatos ficcionais é utilizada por ele como impulso criativo para suas pesquisas artísticas pessoais. Com as primeiras revisões bibliográficas, logo me deparei com Delory-Momberger² (gosto de frisar o fato de que fui eu que encontrei, porque dificilmente recebo o reconhecimento merecido da parte do meu companheiro), seus escritos sobre biografia e narrativas de vida se encaixam perfeitamente na viagem que estamos dispostos a fazer: “O que dá forma ao vivido e a experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. A narração não é apenas o instrumento da formação, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar na qual o indivíduo toma

¹ Geraldo Azevedo, cantor e compositor brasileiro. Esta frase está presente na música *Dona da minha cabeça*.

² Christine Delory-Momberger, professora titular da *Université Paris 13 Sorbonne Paris Cité*. Teórica nas linhas da (auto)biografia, histórias de vida e formação.

forma, na qual ele elabora e experimenta a história de sua vida.” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 56).

O trabalho gira em torno de uma (auto)biografia pessoal e dos momentos de virada desse sujeito, no caso, meu hospedeiro. O quebra-cabeça inicia-se por mim, Memória do Julio, me entrelaçando com relatos de outras pessoas, fotos, objetos, memórias de sua avó e do seu avô.

A (auto)biografia está presente em diversas vertentes artísticas pelo mundo: cinema, séries televisivas e principalmente na literatura. No teatro, tenho pouco conhecimento de trabalhos (auto)biográficos. Existe um vasto material de escritos e de trabalhos artísticos, mas que ainda não foram traduzidos ou trazidos para o Brasil. Aqui no Brasil, em termos de espetáculos podemos apontar alguns que obtiveram uma grande relevância perante críticos e público, como os espetáculos: *Laura (2017)*, de Fabricio Moser, que conta a história da vida e morte de sua avó, cujo nome dá título ao espetáculo, através de citações, objetos, depoimentos, vídeos de familiares e conhecidos. *Autobiografia Autorizada (2017)*, de Paulo Betti, é um espetáculo solo autobiográfico, no qual o ator, em comemoração aos seus 40 anos de carreira, encena diversos momentos e personagens da sua vida. O texto do espetáculo foi escrito pelo próprio ator, inspirado em textos e colagens criados por ele em sua adolescência, juntamente com artigos que escrevia semanalmente por quase trinta anos para o *Jornal Cruzeiro do Sul*. O espetáculo *Conversas com meu pai (2014)*, texto de Alexandre Dal Farra, criação e interpretação de Janaina Leite, narra a relação de Janaina com seu pai, após ele perder a fala depois de sofrer uma traqueostomia, e passar a se comunicar apenas através de bilhetes. Outra referência importantíssima é o espetáculo *Luís Antonio-Gabriela (2011)* da Cia Mungunzá, que apresenta a história de vida de Luis Antonio, homossexual que passa a se chamar Gabriela após mudar-se para a Europa por conflitos familiares. O espetáculo é dirigido pelo irmão de Luis Antônio, o caçula Nelson Baskerville, tecido pela memória através de arquivos e lembranças pessoais sobre o irmão. Em todas essas obras estão presentes histórias de vida dos artistas que deram corpo aos trabalhos, de seus familiares ou de pessoas próximas e que representaram/marcaram momentos de viradas em suas trajetórias. Pensando na literatura, que é o mote deste trabalho, é importante salientar que a maioria destes trabalhos, se não todos, são obras que surgiram de forma autoral, ou seja, foram escritas pelos próprios atores, diretores, ou apoiadores dos projetos, baseados em suas histórias de vida ou de interlocutores que fizeram parte de suas pesquisas para a criação.

Fica quieto, menino! Você terá sua vez de falar! Nesse momento quem tem o poder de fala sou eu! Já leu alguma coisa sobre isso? Se não, é bom ler. Homens! Como afirmei anteriormente, todas essas histórias são levadas por linhas, fios, caminhos, trajetos, estradas, percursos,

círculos, ciclos de vida. Não, quando falamos de (auto)biografia, não estamos falando de algo singular, estamos falando de pluralidade. Tudo bem que o foco nesse trabalho são os fatos (auto)biográficos do insuportável... digo... adorável Julio Cesar Aranda. Mas o que seria dele sem todos os que estiveram ligados direta ou indiretamente a esses fatos (auto)biográficos? Minha gente, não é preciso pensar muito! A resposta é óbvia: Nada! Pensando nisso que tenho o prazer inenarrável de convocar novamente minha querida Delory:

O ser humano apropria-se de sua vida e de si mesmo por meio de histórias. Antes de *contar* essas histórias para comunicá-las aos outros, o que ele vive só se torna *sua* vida e ele só se torna ele mesmo por meio de *figurações* com as quais representa sua existência. A primeira dessas figurações a mais matriarcal e abrangente, aquela que de certa maneira enquadra a infinita multiplicação das histórias humanas, concerne ao desenrolar da vida. Tanto na sua linguagem mais coloquial quanto nas criações mais elaboradas, os homens recorrem a palavras e imagens que transpõem para uma representação especial o desenvolvimento temporal de sua existência. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.33).

Tudo bem que neste caso, eu sou a principal fonte de pesquisa do meu querido hospedeiro. Mas não é por isso que esse trabalho deixa de ser (auto)biográfico, quando falamos de pluralidade. É a partir de mim, a Memória, que esses personagens tão importantes e que serão apresentados nos fatos (auto)biográficos deste trabalho irão surgir. Com o entendimento de que (auto)biografia estará sempre ligada a um universo de pluralidade que fiz meu parceiro perceber que o trabalho não é somente sobre ele, mas de todo um universo de vivências e pessoas que estão atreladas em mim, a Memória. Como eu sou prática, não acham? Leonor Arfuch³ também acharia o mesmo! Ou talvez julgasse minhas atitudes um tanto arrogantes, mas não importa! Tenho uma ótima autoestima!

Sabemos que não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade; conseqüentemente, toda biografia ou relato de experiência é, num ponto, *coletivo*, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade. É essa a qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias, tradicionais quanto nas midiáticas e nas das ciências sociais. (ARFUCH, 2010, p.100)

³ Leonor Arfuch é doutora em Letras pela Universidade de Buenos Aires, instituição onde hoje atua como professora titular na Faculdade de Ciências Sociais e também na de Arquitetura, Desenho e Urbanismo. Seus livros são de interesse das áreas de Letras e Linguística; Comunicação; Estudos Culturais; Artes; Ciências Sociais; História e Educação.

E chegamos finalmente onde eu estava ansiosa para chegar, principalmente por ser a parte que o Julio gostaria tanto de falar, mas como eu me expesso melhor, pela segurança e qualidade deste trabalho, achei melhor interferir. Leonor Arfuch, em sua citação, apresenta um dos pontos da (auto)biografia, a literatura, e será através dela que iremos explorar os fatos (auto)biográficos que virão logo mais. No inicio dessa maravilhosa aventura... Odeio falar isso! Mas o Julio me obrigou! Calma... Vou continuar! Não... Não... Eu prometo não ser mais tão má, deixa eu seguir. Como eu ia dizendo: no inicio dessa maravilhosa aventura, o processo dessa pesquisa se daria através de um trabalho que resultaria em um espetáculo solo. Desnecessário, na minha visão. Mas para a sorte do meu querido amigo, ele teve pessoas que abriram sua mente e tiraram essa ideia maluca da sua cabeça. Tudo bem! Até seria interessante ver todos esses fatos (auto)biográficos em cena, lá em cima eu mesma citei tantos espetáculos com histórias de vida tão potentes, mas porque a potência precisa se encaminhar para o mesmo lugar? Felizmente ele entendeu que a potência está na literatura, e em seus contos que mesclam realidade e ficção. Mais uma vez, me tornei peça essencial nesse caminho escuro, rememorar nem sempre é tão fácil, mas também pode ser divertido. Pedi para o Julio me contar uma história, sabe? Ele contou. Com vários detalhes, várias cores, vários sabores, e então resolvi contar a mesma história para ele. Adivinhem o que aconteceu? Nós contamos a mesma história de formas bem diferentes. Vocês conseguem entender onde eu quero chegar? Ai, gente! Sério? O que eu quero dizer é que nunca vamos ouvir a mesma história, com os mesmos detalhes, de pessoas diferentes. Isso é muito intrigante! Então foi assim que formamos essa dupla magnífica, tudo bem que eu sou a magnífica, mas é melhor prosseguir antes que eu perca meu direito de fala. Prometi que não seria má!

Mesclando realidade e ficção, e entendendo que nós, Memórias, fazemos parte desses dois mundos, o real e o ficcional, e que nunca uma história é contada da mesma forma por sujeitos distintos, que decidimos não dar tanta importância aos que perguntarem o que de fato é real nesses escritos. Para nós, se está aqui é real. Mesmo o ficcional. O que importa mesmo são as possibilidades de interpretação que nossos contos, digo... os contos do Julio irão trazer para vocês, e nesse momento isso se tornou muito mais interessante e divertido para nós dois do que um espetáculo solo. Vejam como as coisas se transformam! Não é mesmo, Arfuch?

Seria possível afirmar, então que efetivamente, e para além de todos os jogos de simulação possíveis, esses gêneros, cujas narrativas são atribuídas a personagens realmente existentes, *não são iguais*: que inclusive, mesmo quando estiver em jogo uma certa “referencialidade”, enquanto adequação aos acontecimentos de uma vida, *não é isso o que mais importa*. Avançando uma hipótese, não é tanto o “conteúdo” do relato

por si mesmo — a coleção de acontecimentos, momentos atitudes —, mas precisamente *as estratégias* — ficcionais — de *autorrepresentação* o que importa. Não tanto a “verdade” do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra: em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu*. É essa qualidade autorreflexiva, esse caminho da narração que será, afinal de contas, *significante*. (ARFUCH, 2010, p. 73).

Considero-me a protagonista de tudo isso aqui, não pensem que é o Julio. Ele fez tão pouca coisa. Eu já extou exausta e mal começamos. Mas espero que com nossos relatos vocês se encontrem com suas Memórias também. A dor pode estar presente, porque nós Memórias nunca somos uma coisa só: somos saudade, somos tristeza, alegria, amor, rancor, somos. Antes de finalizar minha apresentação mais que impactante, lhes deixo um conceito básico e acadêmico sobre mim. Tudo isso, claro... para não perdermos o respeito!

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro: temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. (NEVES, 1998, p. 218 *apud* DELGADO, 2003, p. 18).⁴

Eu tenho vida própria, sou como um quebra cabeças, pronta para me encaixar em pequenas brechas. Sou como uma roda gigante com milhares de assentos, e sim, estou sempre em movimento. Eu sou a Memória! Eu me faço presente em tudo, me faço presente em todos. Eu sou você e você sou eu. Somos dois, e somos um só ao mesmo tempo. O que eu quero? Quero transformar o passado em presente, outras vezes prefiro não reviver certas coisas. Sou indecisa, sou inconstante. Sou viva! Sou vida! E como gosto de frisar isso! Se eu tenho corpo? Ah, se tenho! Estou presente no seu. Também tenho alma! Estou presente na sua. Os sentimentos? Contento-me com os seus. É bonito viver assim, é bonito ser assim! Eu sou bonita demais! Bem vindos ao meu, ao seu, ao nosso: *Vivero!*

⁴ Devo agradecer a Fernanda Saldanha por meu contato (bastante tardio) com a citação de Neves feita por Delgado através da leitura de seu trabalho de conclusão no Curso de Licenciatura em Teatro da UFSM, em 2014, também tratando de autobiografia. Cf. SALDANHA, Fernanda. **Eu. Elas. Eu... Em busca de uma (auto)biografia OU (Auto)biografia e memórias no teatro documentário**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Teatro) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014.

3 Rascunho: a Memória, eu, nós inquietos

Ele ainda era demasiado jovem para saber que a memória do coração elimina as coisas más e amplia as coisas boas, e que graças a esse artifício conseguimos suportar o peso do passado.

Gabriel García Márquez

Querida Memória! Venho, por meio deste, lhe propor um encontro. É, pode ser um encontro que traga como brinde uma dança e uma flor no pulso, como nos bailes americanos de primavera, quem sabe um encontro que se pareça mais com um embate no faroeste, ou então um simples e rotineiro encontro com o espelho de cada dia. Não sei! A única coisa que importa nesse momento é que nos encontremos. Não tenha vergonha de esquecer alguns detalhes, ou de modificar outros. Provavelmente eu também vá fazer isso. Aliás, esse sempre foi o nosso jogo preferido nos nossos antigos encontros. Brincar com a realidade e a fantasia por meio dos detalhes esquecidos.

Gostaria também, de lhe pedir para não agir com cautela e que me banhe com toda a sua franqueza durante os nossos diálogos. Afinal, independente dos detalhes, gosto de encontros honestos. Além disso, leve em consideração os anos que se passaram, pois precisamos refletir sobre o quanto mudamos e nos movimentamos, e quantas dessas mudanças e movimentações ainda não foram colocadas na balança. Espero que se sinta lisonjeada com esse convite e que me acompanhe durante a trajetória desses escritos, que juntos, consigamos utilizar dos fatos (auto)biográficos presentes em nossa existência para a elaboração desse trabalho.

Compreenda que necessitamos resgatar nossas imagens para contar nossas histórias, aquelas guardadas no livro *Vivero*, livro esse que escrevemos juntos quando tínhamos apenas cinco anos de idade. Os leitores que folhearão esses escritos terão a chance de adentrar conosco nesse mundo, que até então, só nós dois conhecemos. Certo! Respiremos! Respiremos e pensemos por onde começar. Eu sou metódico, prefiro começar logo pelo início, e você? Sabia que escolheria o meio! Já que não vamos entrar em um acordo, que comecemos pelo fim, então! Momento propício para brincar com uma das frases mais clichês que já foram escritas, não é mesmo? Os fins justificam os meios. Será mesmo o fim? Enfim... memória, memórias, inquietas. Eu, tu, nós, inquietos. *El Vivero. El Vivero de Las Memorias*. Como diria o vô Juan Aranda, motorista de ônibus uruguaio: “¿Estás listo para empezar el viaje?”

4 Abuelo. Abuela. Vivero

E nessa magia que se perdeu no tempo, nos que tem coração com carrossel, no dia que sonhastes tobogã, no dia em que ganhastes um anel. Se encher o livro ganharás um prêmio, por ter vivido tudo e não esquecer dos sonhos. Irá procurar outras novas figurinhas, e começará aos poucos encher um livro novo.

Caion Gadia/Carlos Nilson/Cristina Di Giacomini

Decidimos começar pelo fim, mas não especificamos de que fim estávamos falando. No fundo, tudo depende de um ponto de vista. O meu fim pode fazer parte do seu início, do seu meio, ou talvez seja realmente o mesmo fim. Na verdade, nós não vemos uma grande importância na ordem cronológica, e o que importa aqui são os fatos. Conversando com a Memória hoje durante a noite, algo me fez lembrar de um fim, o fim da vida do meu avô. Não lembro exatamente como ocorreu, a Memória insiste em falar que é melhor que eu não lembre, e que eu era muito novo para entender o real significado da palavra morte. Bom, já tentei de todas as formas explicar que hoje estou crescendo, e que poderia muito bem entender o acontecido. O fato é que ela não pensa da mesma forma. Não é mesmo, Memória? Perceberam? Ela sempre contrariando as minhas vontades. Tá, não precisa ficar irritada comigo! Só estava explicando aos leitores que... O quê? Apresentação? Perdão queridos leitores, a Memória acaba de lembrar essa cabeça oca que eu estou falando e falando, mas acabei esquecendo aquele momento trivial de apresentação. Talvez isso tenha acontecido porque de alguma forma já me sinto íntimo de vocês, jamais deixaria de me apresentar propositalmente. Minha *abuela* jamais aceitaria um neto sem educação.

Pois então, sou Julio Cesar Pires Aranda, nascido no dia 21 de dezembro de 1990 com a matrícula 100024 01 55 1991 00325 166 014268 19 em Porto Alegre. Portador do RG 7065308798, e do CPF 018.564.950-51. Vivi desde os meus 3 anos de idade em Santana do Livramento, até chegar a Santa Maria da Boca do Monte, aos 18 anos de idade. Ambas, cidades do Rio Grande do Sul. De alguma forma ou de outra faço parte igualmente de todos esses lugares, algo que me agrada e me faz ter um carinho diferente por cada cidade. Sou estudante do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Santa Maria, RS, aluno registrado pela matrícula 2012510290. Ator, diretor, e faz tudo na Cia. Retalhos de Teatro. Uma pessoa como qualquer outra, tirando o fato de ter essa mania de conversar com a Memória. Tá! Eu sei que a apresentação ficou longa demais. Vocês devem ter percebido que a minha companheira de escrita tem uma personalidade forte. Se ela fosse humana, apostaria todas

as fichas que seria sagitariana, assim como eu. Sagitarianos são tão dramáticos! Enfim... Penso ser melhor parar com essa discussão infantil com a Memória, e dar continuidade ao fim.

Como mencionei anteriormente, não tenho a lembrança de como foi exatamente o fim do meu avô, só sei que ele deitou, dormiu, e fim! Meu avô se chamava Juan Aranda, Uruguaio, motorista de ônibus, sofreu de alguma doença que eu não sei dizer qual era, e novamente... Fim! O engraçado que esse fim foi um dos meus inícios. Pela falta de lembranças e de vivências com ele, passei a me interessar por coisas que eu sabia que ele gostava. Foi aí que iniciou a paixão pela língua espanhola e por ônibus. Sempre achei ônibus transportes muito bonitos. Um porte entojado, não sei. Mas eles sempre pareceram vivos, e fortes. Observava os ônibus passando pela faixa e me imaginava dirigindo um, e isso tudo com apenas 3 anos de idade. Acreditam? Pois é... A Memória sempre me surpreendeu. Eu sei que tive laços com meu *abuelo*, mas infelizmente não tive a oportunidade de estreitá-los. Talvez hoje esses laços não existissem tão fortemente se ele estivesse vivo, talvez tivessem se modificado, ou talvez... Talvez algum talvez que eu não sei o que poderia ser esse talvez.

O fim do meu avô também significou um novo início de vida para a minha vó. Diamantina dos Santos Pires. Uma nova vida sem o companheiro dela, mas também sem os tumultos e incômodos de um marido machista e com problemas com a bebida. O início da minha vó se fundiu ao meu. Quando comecei a morar com ela, logo após a morte do meu avô, era ela que me levava até a faixa para observar os ônibus. Estive presente diariamente com ela, desde a morte do meu avô até o dia que me mudei para Santa Maria, para cursar filosofia. É... a Memória achou que seria importante eu citar esse fato. Confesso que não foi tão significante assim, mas também acho que não deva passar despercebido, afinal, sempre fui um ótimo aluno em filosofia. Voltando aos *abuelos*... Com minha avó tive e tenho muitos laços, laços que se multiplicam a cada dia, a cada ato de respirar dos meus pulmões. É admiração, respeito, amor. Também é desse amor, e do amor dos meus avós (indiferente de seus problemas conjugais), que surge *El Vivero de Las Memorias*.

Vivero é um livro imaginário. É um livro guardado por mim e pela Memória, onde todos os meus contos e lembranças estão guardados. Muitos deles, ao longo desses escritos vocês poderão conhecer, outros, no entanto, nós preferimos deixar guardados a sete chaves. Meu avô teve muitas histórias vividas, histórias que nunca conheci. Minha avó também, que por felicidade minha, tive a oportunidade de conhecer e de também vivenciar. As histórias de vida do meu avô, como não as conheci, inventei para escrever no meu livro de memórias; as da minha avó,

essas estão crescendo cada dia mais, chega às vezes doer o lápis do pensamento para dar conta de escrever todas elas. Ah, a Memória pediu para avisar que sim, tenho pai e mãe. Ela se chama Marlene Pires Aranda, e ele Paulo Cassariego. Não é descaso, é que depois de falarmos do fim do meu avô, do início de uma nova vida para minha avó e o início do *Vivero*, falaremos de como surgiu a ideia inicial para este trabalho de conclusão de curso, e apresentar essas duas figuras tão importantes na minha vida e para a criação do *Vivero* foi extremamente necessário.

Peço que tenham paciência, viajar pelo *Vivero* muitas vezes pode fazer com que tenhamos que nos transportar para o passado, no momento que estamos no presente, e vice e versa. Essa é uma das qualidades que eu gosto na minha parceira de escrita. Ela é dinâmica, extremamente viva, e não posso deixar de afirmar que ela chega a ser quase que uma lutadora de boxe, muitas vezes joga a toalha, outras, vence a batalha por nocaute. Mas sempre, sempre luta! Talvez por isso ache ela tão geniosa como meu avô e minha avó. Ah, esses nunca deixaram de lutar. Ele quando acordava todo dia para trabalhar, fazendo chuva ou fazendo sol, e ela, que agora com seus 82 anos de idade não mantêm uma relação muita boa com a sua memória. É, a memória também pode ser traiçoeira.

5 Roda de memórias e o lar das vovozinhas

*Adeus, minha mocidade, adeus. Passado que me deixou saudade. Conservo ainda um amor nos sonhos meus, por isso eu digo adeus, ó mocidade!
Adeus!*

Benedicto Lacerda/Roberto Martins

Qual o real significado da mocidade? Será que esses sinais estão no corpo jovem rico em movimentação, ou talvez estejam nos cabelos com brilho e cores vivas? Poderiam estar na pele sem marcas, nas mãos lisas sem calos e também na necessidade de estar procurando o novo. Emoções novas, experiências novas, amores novos. Tudo isso nos deixa vivos, mas não penso que seja o símbolo da mocidade. A Memória também concorda com isso, e foi assim que nos desbravamos em uma das aventuras mais extraordinárias que já tivemos. Fomos ao encontro da Roda de Memórias e achamos importante acrescentar essa vivência no nosso *Vivero*.

Roda de Memórias: um mergulho nas memórias das idosas do Lar das Vovozinhas foi uma oficina que surgiu como requisito de avaliação da disciplina de *Práticas Educacionais IV – Teatro e Comunidade*, do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria, e se caracterizava em um formato de oficinas com grupos da comunidade santa-mariense que não fizessem parte do ambiente escolar. Nesse caso, eu e a Memória resolvemos oferecer uma oficina diferenciada, seguindo a sugestão da então professora da disciplina, Raquel Guerra. Nos encontros com as vovozinhas do lar sentávamos para conversas descompromissas, nas quais o objetivo principal se resumia em ouvi-las.

O Lar das Vovozinhas se localiza na Avenida Hέλvio Basso, nº 1250, em Santa Maria. A Associação de Amparo Lar das Vovozinhas é uma instituição filantrópica que atualmente atende aproximadamente 200 idosas, foi fundada em 16 de outubro de 1946, sendo um dos maiores asilos do estado do Rio Grande do Sul.

A oficina partiu da premissa de experimentar a pesquisa sobre a (auto)biografia e o teatro do real, configurada em forma de roda de conversa com as vovozinhas. A oficina caminhou de uma forma muito flexível, os assuntos das conversas eram diversos, desde as trajetórias de vida das protagonistas dessa pesquisa, até as novelas e músicas que elas mais gostavam. As histórias que surgiam desses encontros foram registradas em forma de diário, por mim e pela Memória. Escolhemos agir dessa forma durante o processo porque a Memória tem vida própria e

acredito que ela pode se modificar dependendo da forma como é lembrada, seja pelo esquecimento ou modificação de detalhes. Por isso, agimos buscando encontrar o lúdico e a ficção da própria realidade que a Memória pode nos proporcionar.

Entendemos, nesses encontros, que a mocidade não está nos símbolos de juventude que a mídia nos impõe, mas sim no espírito, na alma, na forma de levar a vida. Com as vovozinhas, aprendemos que envelhecer pode ser bonito, pode ser especial, pode e será uma experiência única. Fomos levados ao Seu Juan e à Dona Diamantina, fomos levados de volta ao *Vivero*. Muitos dos relatos que fizeram parte desses encontros estão guardados em nosso livro, todos estão guardados no meu coração, um coração que pulsa tão forte quando revisitamos esses escritos. Nosso objetivo aqui não é conscientizar ninguém sobre a importância de respeitar e dar carinho para os idosos, isso todos já sabem. Nosso objetivo é mostrar o quanto essa experiência nos modificou e o quanto todos os acontecimentos que estão sendo escritos aqui de alguma forma se interligam e fazem parte de mim e da Memória.

Compartilharemos parte dessas conversas com vocês e esperamos que as leiam com carinho, de preferência tentando se transportar para o coreto onde aconteciam os encontros. Imaginem-se sentados em um dos tantos bancos que existem nesse espaço, tentem também sentir o cheiro das flores que habitam o jardim. Se barulhos de conversas surgirem, não se preocupem, o lugar é movimentado e mesmo que tenhamos uma imagem triste de lugares como esse, lá elas também conseguem transbordar muita alegria por trás das suas histórias, na maioria das vezes sofridas. Permitiremos que vocês criem na imaginação a imagem que quiserem sobre elas: sua voz, cor dos seus olhos, forma de se mover, forma de falar. Sintam-se livres para essa experimentação, e talvez, de alguma forma, vocês consigam sentir um pouco do que eu e a Memória sentimos em nossos encontros com essas adoráveis vovozinhas. Fiquem à vontade também para completar os diálogos da forma que vocês quiserem, e sugiro que leiam esses relatos acompanhados da música “Adeus Mocidade” de Francisco Alves. Só faço um único pedido: leiam com amor, e abram os seus olhos para a mocidade que será apresentada a partir de agora.

M.

Eu toco acordeom desde a idade de treze anos, como nós sabia cantar, eu as minhas irmãs né? Então o pai comprou uma gaita. Aprendemo, aí nós cantava... nós cantávamos pra... e tirava, eu tirava... minha irmã cantava comigo, eu tirava no teclado, a musica né? E aí depois que já sabia no teclado, eu tirava nos baixos, nos contrabaixos. E nós cantava pra... O meu irmão mais velho também cantava comigo. Meus irmãos tinham um conjunto. Pandeiro, nós tinha pandeiro, gaita, violão, teclado, chacoalho... Depois meus irmãos ficaram muito aborrecidos porque morreu um irmão meu, né? Morreu desastrado... Aí eles venderam tudo, ficou só a gaita... Pra não ficar tão silêncio a casa, ficou só a gaita.

I.

Julio, tu gosta das novela? Eu gosto das novela. Que tu tá achando da novela das seis? Aquela... Sol Nascente. Essa aí. Eu gosto. Gosto muito. Eu gosto também daquela das sete, haja coração. Mas essa a Lei do Amor eu não gosto muito... Muita barbaridade, as pessoa fazendo mal, muito mal pra os outro. Tem umas aqui que não gostam de novela, mas eu gosto. Gosto muito. Gosto também daquele dos domingo, tamanho das família, lembro das pessoa da família, mas temo que esquecer né? Temo que esquecer... Julio? Tu viu aquela da Carminha? Não teve novela melhor que a da Carminha depois.

M2.

A vida não tá nada bem! Tô na gripe desde quinta e não passa essa desgraça. Que que tu tá fazendo aqui? Conversar com a gente pra quê? Que tu quer saber minha idade? A idade de uma mulhé não se pergunta.

G.

Essa blusa o meu irmão que me deu, veio me visitá, veio me visitá.. Ele disse: ai, tu enche o saco o dia inteiro! Aí me deu essa blusa. A blusa é bonita! Eu não gosto quando ele vem me visitar, ele que enche meu saco o dia inteiro.

I.

Eu te conheço. Tu vem aqui de palhaço aqui as vez. Tu e as guria e os guri. Tem umas guria que gostam de mim. Eu gosto delas também. Vocês vêm pouco, tem que vir mais. É bom fazer os bailes com vocês.

W.

Eu sou devota a Nossa Senhora Aparecida, agora dia 12 é dia dela. Tem que ter fé nela, eu carrego ela sempre no meu pescoço. Julio? Tu viu minha chave? A chave do quarto. Eu perdi. Tchau, vô procurá.

E.

Minha mãe tava aqui e faleceu, minha mamãezinha e minha irmãzinha tava aqui e faleceu. Minha mãe faleceu em 2000 minha irmãzinha faleceu em 2007. Tava aqui as duas. Minha mãe tava aqui e faleceu né, M? Mamãezinha faleceu em 2000, tava muito doente... Faleceu. A gente não é desta vida, a gente tá aqui só pra fazê o que Deus qué, sacrifício, alegria... E de tudo, pra depois a gente goza lá em cima. Meu pai faleceu também. Tá lá em São Borja, lá em São Borja.

T.

Eu acredito no céu. Lá não haverá prantos, não haverá lutas, não haverá mais nada. Só alegria.

M.

Eu to aqui faz 49. É 49. Eu vim com 30 né? Eu gosto da missa. Eu ajudo as irmã... Eu ajudo as menina... Eu canto... Eu toco minha gaita. A irmã não faz uma missa sem que eu teja pra ajudar no coral. Tá um ventinho frio. É... Mas eu pra mim tá tudo bom. Temos agasalho. Eu pra mim tá tudo bom. Não tem frio, não tem calor. Eu pra mim tá tudo bom. Tudo que Deus fez tá bom pra mim. Eu aceito tudo por amor de Jesus.

Ser moço, ou não ser: eis a questão? Cremos que após essa experiência isso já não seja mais tão importante. Não é mesmo, Memória? Acreditamos que não tenham passado por essas histórias de vida sem sentir nada. Pelo menos esperamos que não. É, falamos, e falamos. Demos espaço para a fala, o que tem se tornado muito raro na realidade caótica em que vivemos. Falamos de vários fins e também de vários inícios. Esses inícios e fins que foram os impulsos para o surgimento deste trabalho.

Momentos de descobrimento, mergulhos em mares escuros, saltos sem paraquedas, encontros entre eu e a Memória no meio desse turbilhão de informações, que fazem com que o *Vivero* ganhe vida. Essa pesquisa pode parecer que seja somente sobre mim. Não é! É sobre tudo e todos que me rodeiam, e que de alguma forma estão relacionados aos meus momentos de virada. Como eu identifico tais momentos? Não sei! Só sei que quando penso neles, os reconheço facilmente. Talvez sejam meus super poderes de “Bombeiro Mascarado”, personagem que se faz presente na maior parte dos contos que comporão o *Vivero*, e que em breve vocês terão a chance de conhecer. Dar vida física ao *Vivero*, é uma missão árdua. Minha, da Memória e do Bombeiro Mascarado. Talvez essa missão seja um pouco mais complicada do que salvar os fracos e oprimidos de “Tudo Errado City”, mas nunca tivemos medo dos grandes vilões. Sempre os derrotamos com tocante bravura! E é anunciando o herói que irá nos guiar daqui para a frente, que eu e a Memória damos uma pequena pausa em nossos monólogos. Digo, deixamos aqui um até logo! Gratos pela atenção até aqui!

As coisas não andavam nada bem naqueles dias na Cidade de Pipoca Queimada. E, esse era o nome da minha cidade antes de tudo acontecer. Chamávamos assim, pois o criador da cidade, o Senhor JayJay, adorava comer as pipocas que ficavam tostadas no fundo da panela. Pode parecer bizarro, mas existe gosto para tudo, não é mesmo? Vivamos em paz e harmonia, e alegria emanava por toda a cidade. Lá só era permitido sentimentos bons, pensamentos positivos, e ações generosas. Por isso que nós moradores, ao invés de sermos chamados de “Pipoquenses”, éramos chamados de “Alegrites”.

A cidade era uma cidade pequena, mas muito bonita. Lá havia tudo o que nós precisávamos para sobreviver: uma creche para os bebês, uma escola para as crianças menores e uma escola para as crianças que estavam deixando de ser crianças. Também havia um pequeno mercado, uma pequena feira de frutas, uma pequena padaria, um pequeno posto médico e também uma pequena igreja, frequentada principalmente pelas vovós, que levavam os seus netos para conhecerem a fé em Deus. Tudo na medida certa, não acham?

Eu me chamava J.C. Isso, J.C. Não... Não de Jesus Cristo. Mas de Julio Cesar. Eu morava tranquilamente com a minha vó em nossa pequena casa, com nossos animais e nossa pequena horta. Eu tinha amigos, e adorava brincar com eles, eu ia até a igreja também, não que eu gostasse muito, nunca entendi aquela lógica de pedir perdão por comer doce antes do almoço, mas quem precisa entender tudo, né? Mas eu entendia o que era ser feliz, e não precisar me preocupar com nada além de brincar, até o dia que os “Rabujos” começaram invadir “Pipoca Queimada”. Quem eram os Rabujos? Eram e são essas pessoas más, que se espalharam pelo mundo. Pessoas moralistas, preconceituosas, pessoas que não gostam de Alegrites, e automaticamente não suportam sentimentos bons, pensamentos positivos, e ações generosas. Sempre pensei que estaria protegido dos Rabujos, afinal... na minha família todos eram Alegrites, na minha escola os professores, colegas e funcionários também, e

6.1 Tudo Errado City e o Bombeiro Mascarado

O poeta é um fingidor./Finge tão completamente/que chega fingir que é dor/ a dor que deveras sente.
Fernando Pessoa

até mesmo o Padre Bazílio Padreco, que me chamava atencão pelos doces antes do almoço. Até aquele dia. Era o primeiro dia de aula na nova escola, e eu estava muito animado para conhecer os novos colegas e a nova professora. Na noite anterior havia deixado todo material organizado, o uniforme passado, e o lanche pronto. Tudo milimetricamente organizado! Sentei à mesa da cozinha da minha casa com a minha vó, quando uma fumaça tóxica começou invadir o espaço, as cores começaram a ficar desbotadas, as flores começaram a morrer, e eu não entendia o motivo daquele evento, lembro que eu perguntava:

— *Abuelita?* O que está acontecendo?

— Não esta acontecendo nada, está vendo coisas, menino? — Respondia ela, sem ver todas as imagens que eu conseguia ver naquele momento. Por um segundo pensei que estava realmente vendo coisas, mas de repente ele entrou pela porta, o único Rabujo vivo da família, e que durante muitos anos não frequentava nossa casa. Ele, meu Tio Nefasto.

— Olá querido sobrinho! Não vai dar um abraço no titio? — Falou ele com aquele sorriso de Rabujo manipulador e cruel. Largou sua mala fedida no chão, sua jaqueta preta de Iona e sentou-se à mesa da cozinha. Minha vó sorriu, com receio da presença daquele homem que durante muito tempo não a visitava, mas com sentimento de mãe, não conseguia esconder certa felicidade em vê-lo de volta. Afinal... ele era o Rabujo, não ela.

Sai correndo de casa, não conseguia dividir o mesmo espaço que aquele homem. Imagineem só, um Rabujo vivendo debaixo do meu teto? Não conseguia suportar. Cheguei à escola nova, esperando encontrar um alívio para tudo aquilo que estava acontecendo, mas a escola estava diferente, não parecia a mesma escola que eu havia visitado antes. Ela estava fria, as crianças caminhavam como zumbis, e os rostos dos professores, antes amigáveis, agora estavam rígidos e assustadores. Entrei na sala de aula, e percebi que as crianças da minha turma não estavam agindo como as crianças do corredor. Logo descobri o motivo, todos ali eram alunos novos, assim como eu, e todos estavam realmente preocupados com atitudes tão rabujas de todas as pessoas naquele lugar.

— Silêncio! Todos em seus lugares! — Falava firme e com ar de repressão a senhora que acabara de entrar na sala. Era a professora. Bem diferente da professora que eu tinha na minha outra escola. Ela se chamava Martirio. E no mesmo momento deixou claro o motivo do seu nome.

Fez uma breve revisão do que segundo ela, deveríamos ter aprendido na outra escola, e para a minha infelicidade, o que eu aprendi não foi o suficiente.

— Eu sou a professora de vocês! Não a mãe de vocês! Não tenho a obrigação de lhes ensinar o que vocês já deveriam ter aprendido na outra escola. Disse ela com frieza e desprezo.

— Professora, é que na outra escola eu não tive esse conteúdo.

Eu deveria ter ficado calado, não é mesmo? Qualquer pessoa em sã consciência vendo a maldade intensa nos olhos daquela mulher ficaria calada. Mas eu não. Logo, acabei meu primeiro dia de aula, de frente para todos os meus colegas de sala, com uma placa escrita: Eu não estudei! A aula acabou, e logo na saída percebo que todas as crianças que ainda não estavam caminhando como zumbis, naquele momento iniciavam sua transformação em marionetes não pensantes. Estava tudo errado em Pipoca Queimada, tudo! Aliás... Um anúncio, em um carro preto, com homens de capuz preto, passava em frente à escola naquele momento.

— Atenção, atenção! Foi confirmado o desaparecimento do Senhor JayJay, Alegrije fundador de Pipoca Queimada. Logo, nós, Rabujos, agora somos os donos da cidade. Esta terminantemente proibido: sorrir, cantar, elogiar, usar boas maneiras e falar sobre sentimentos estúpidos como amor e amizade. Aqueles que desobedecerem serão levados diretamente para as masmorras, onde passarão por um processo de Enrabujação intensiva. E para o interesse de todos, a partir de hoje a cidade passa a se chamar “Tudo Errado City”. Tenham todos um péssimo dia!

Estava tudo terminado, os Rabujos realmente tinham tomado o poder. Eu olhava para os lados e via alguns Alegrijes resistindo, e sendo levados para as masmorras. Até mesmo crianças estavam sendo levadas por insistirem em cantar músicas de roda. Eu estava com medo de ir para casa, Nefasto estava lá. E a força e brutalidade dele eram imensas, ele já havia me feito mal antes de desaparecer da primeira vez, e só de pensar no que poderia acontecer agora que eles estavam no comando meu corpo tremia. Em um súbito ataque de desespero corri para a igreja. Se alguém poderia nos ajudar, seria o Padre Bazílio Padreco. Cheguei o mais rápido possível, e batia forte na porta da residência do padre, que ficava atrás da igreja.

— Padre! Padre! É urgente! Os Rabujos tomaram Pipoca Queimada! Precisamos fazer alguma coisa! Padre! Padre!
 A porta abriu sozinha, estava tudo escuro! Não conseguia ouvir o pequeno rádio vermelho do padre tocando suas músicas de roda de viola. A casa do padre começou a se destorcer, e toda vez que eu tentava dar um passo para trás, as paredes me jogavam para frente.
 — Ora, ora! O que temos aqui? O pequeno Alegrite seguidor do Padre Bazílio Padreco, e do estúpido Senhor JayJay?
 — Quem... Quem é você?
 — Você pode me chamar de Corvo! — Disse ele se aproximando de mim, e me colocando para sentar em uma cadeira próxima de outra que ele logo sentou.
 — Percebo que ainda não entendeu o que está acontecendo aqui, não é mesmo?
 — Vocês são uns infelizes que querem destruir Pipoca Queimada!
 — Pipoca Queimada não existe mais, rapazinho! E estou vendo que precisamos fazer um ritual de purificação aqui.
 — Ritual de purificação? — Perguntei, tentando me afastar enquanto ele aproximava as mãos dele da minha perna.
 — Sim meu caro! Acho que o antigo padre não sabia dar penitências severas o suficiente para crianças insolentes como você!
 — Seu crápula! Onde estão todos? Onde estão meus amigos?
 — Seus amigos eu não sei, mas os meus...
 Do escuro do fundo da casa surgem meu Tio Nefasto, a professora Martirio, e os homens de capuz preto que anunciavam anteriormente a tomada da cidade.
 — Vocês não irão se safar dessa! Vocês são vilões, e os vilões sempre perdem para os heróis.
 — E onde está o herói? Só estamos vendo um menino prestes a mijar nas calças! — O Corvo falava olhando nos meus olhos, subindo as mãos pelas minhas pernas, enquanto os seus seguidores riam da situação. Naquela momento, olhei para a escritivaninha do Padre Bazílio Padreco, e lá estava o seu pequeno rádio vermelho, e naquele segundo lembrei do que o padre me disse na última vez que nos encontramos: — Se um dia o mal surgir, lembre-se que a arma para vencer estará exatamente onde a canção da luz nasceu.

— O que está fazendo, moleque? — Gritou o Tio Nefasto, enquanto eu corria diretamente para o pequeno rádio vermelho do Padre Bazílio Padrego.

— Segurem ele, seus idiotas! — Gritava o corvo para a professora Martirio e os homens de capuz preto, que, sem sucesso algum, conseguiram me alcançar.

— Quando o mau surgir...

— Não faça isso, moleque! — Falava Nefasto, apavorado, e enlounquecido de ódio.

— A arma para vencer estará...

— Não! Não! Não finalize essa frase! — Mais apavorados ainda, gritavam a professora Martirio e os homens de capuz, que por algum motivo que eu não entendia no momento tentavam procurar um lugar para se esconder.

— Exatamente...

— Seu maldito! Eu voltarei... Eu voltarei para me vingar! Criança insolente! — Dizia o Corvo tentando se esconder atrás da batina preta, suja e fedida que ele vestia.

— Onde a cangaço da luz surgirá!

— Não! Eu estou queimado! Eu estou queimado! — Tio Nefasto gritava, enquanto começava a desaparecer aos poucos, virando cinzas, enquanto os homens de capuz e a professora Martirio apenas desmaiavam. Uma luz vermelha surgiu forte pelo meu corpo, e quando me vi no espelho, estava diferente! Estava grande, como um adulto, forte, e com um uniforme de super-herói! Tudo bem que não era o uniforme que eu esperava para um herói com o nome de Bombeiro Mascarado, eu usava um roupão cinza e uma máscara preta. Mas né? Quem sabe o nome fosse só uma licença poética, por eu ter vontade de ser bombeiro quando eu crescesse.

— Não acredito! Você... Você é o Bombeiro Mascarado, que as profecias diziam que viria para derrotar os Rabujos!

— De hoje em diante Corvo, estarei aqui... Pronto para enfrentar você, e todos os Rabujos que tentarem destruir minha cidade!

O Corvo literalmente virou um pássaro, e voou para longe prometendo vingança. Tio Nefasto acabou por desaparecer completamente, e

nunca mais o vi novamente. A professora e os homens de capuz voltaram ao normal, foi fácil perceber que eles estavam hipnotizados pelo Corvo, diferente do meu tio, que era um Rabujo de nascença. Com meu jato teletransportador os enviei de volta as suas casas, onde acordaram no outro dia, achando que tudo não havia passado de um sonho. Ao desligar o pequeno rádio, voltei ao normal, e descobri que ele era a chave para a minha transformação. A partir daquele dia, comecei a dividir meu tempo entre brincar, estudar e proteger a minha cidade dos Rabujos. Infelizmente, com o sumiço do nosso fundador, eles continuaram aparecendo, e a cidade nunca mais voltou a ser Pipoca Queimada. O importante em tudo isso, é que Tudo Errado City não ficou sem um herói. O Bombeiro Mascaraado surge entre as sombras da noite para proteger os fracos e oprimidos, para quem sabe um dia conseguir retomar a paz para todos os Alegres da cidade.

Hola! Soy Juan! Digo... Juan Aranda! Um velho rabugento, mas de bom coração! Pelo menos é o que os meus amigos de trago dizem, vá saber né? Quando esses bêbados precisam de uma canha eles falam qualquer coisa! Mas vamos ao que importa: meu neto, ou Julinho pra família, viajou do futuro até mim. E... Vocês não acreditam em viagem no tempo? Deveriam começar a acreditar agora! Eu lhes explico essa situação... Eu vou morrer! Vou morrer logo! Pelo que ele me disse eu vou morrer daqui a alguns dias! E... Meu neto veio do futuro me avisar que eu vou morrer... Que espécie de neto faz isso pra o próprio *abuelo*? Eu conheço meu neto. Mas não esse que veio me visitar. O que eu conheço tem apenas 3 anos de idade. Um menino esperto! Já até fala espanhol comigo! Adora ônibus! E... Quem sabe quando crescer ele não vira motorista de ônibus como eu? Que orgulho!

Mas eu não vou ver isso acontecer. Por quê? Eu já disse! Eu vou morrer! Como? Ele não soube explicar! Só... Só... Só disse que eu vou bater as botas! Engraçado né? Eu realmente devo estar bebendo demais, a muié sempre fala isso! Mas desde quando homens dão atenção pra o que a muié fala? Eu que sou o chefe da família, tchê! Não sei até que ponto a minha sanidade tá me deixando na mão, mas o que importa é que essa visita do futuro me fez repensar muitas coisas. Quais? Ah, deixa pra lá! São coisas que homem não pode admitir pra os outros. São coisas que homem que é homem leva pra o túmulo! Mas talvez eu me arrenda de algumas coisas... Mas não importa! O que importa é que eu vou morrer! Puta que pariu!

Eu tô começando a ter certeza que vou morrer. Mesmo! O que? Sim! Eu tomei algumas já, mas não é isso que tá fazendo eu ter certeza que vou morrer. Bêbados nunca morrem, têm mais vidas que gatos! E que ontem levei meu neto pra passear. Tá um gurizão pra 3 anos de idade! Certeza que vai ser o garanhão das muié de Porto Alegre e Livramento. Pelo menos isso eu tenho certeza... Bom... Continuando! Eu levei meu neto pra passear. Isso, o Julinho... E desse neto que eu tô falando, tchê! Levei ele até o ônibus que eu dirijo, ele adora sentar na direção e brincar de “brum brum”. Como eu disse, eu acho que ele vai ser motorista também. Ah, a certeza que eu tenho de que vou morrer? Ele olhou pra mim e falou: “*Estás listo para empezar el viaje, abuelo?*”

Nossa senhora do Jesus Cristinho! Nada esta pronto! Tá quase na hora e nada esta pronto! Como eu vou esperar o Julinho assim? Fulana! E preciso comprar mais alfajor! O Julinho adora! Vocês sabem, ele tá crescendo! Crescido! Mas continua comendo alfajor que nem criança! Sempre tentava comer antes do almoço, antes do jantar! Um danado! Ai, e eu aqui de conversa e continuo me atrasando pra esperar o Jone. O que? Jone? E o meu filho, oras! Não... Eu não falei Jone. Eu falei Julinho! O Jone mora comigo, quem tá chegando pra o Natal é o Julinho. Não! Eu já disse que eu não falei Jone! Mania da Fulana de sempre querer saber mais que eu! Essas raparigas de hoje em dia que viveram coisa alguma, tentando me reprender!

O Julinho é um doce sabe? Mas genioso! Sempre foi, desde criança! Ficava na frente do espelho brincando de TV, falava que o de dentro do espelho era o gêmeo mau e ele era o gêmeo bom. Pra quê? Ora pra quê, Fulana? Pra ser artista de TV. Ele tá até se formando já! Parece que foi ontem que ele saiu daqui de casa! Eu não entendo muito bem essas coisas de artista, mas eu acho que ele precisa se formar primeiro né? Né Fulana? Se formar pra quê, Fulana? Ora pra quê? Pra ser artista de TV. Já faz quase sete anos que ele tá lá, mas ele só faz essa coisa de teatro. Como tu não sabe o que é teatro Fulana? E fazer TV, sem estar na TV. E fazer TV em cima de um palco!

Eu sempre acreditei que o Joel fosse conquistar tudo o que ele tivesse vontade! O que que tem o Joel, Fulana? Não! Mas que mania de dizer que eu falo coisas que eu não falo! O assunto é o Julinho, não o Joel. Que deus guarde a alma do meu filho! Não... Eu já disse que não falei sobre o Joel! Barbaridade! Eu sinto como se vocês quisessem me deixar louca, ou fazer eu acreditar que tô louca! Mas eu não tô! Sou mais viva que todos vocês juntos! Bando de incompetentes!

Já foi comprar o alfajor, Fulana? O Julinho sempre amou alfajor, tentava comer antes do almoço, antes do jantar... Genioso! Sempre foi um artista! Fulana eu já disse que o Julinho tá vindo pra o Natal, hoje? Preciso que tu vá comprar alfajor pra ele. Tá crescendo, mas continua adorando alfajor. O que eu disse, Fulana? Eu disse? Não importa! O Jair tá quase chegando e nada tá pronto. Que Jair, Fulana? Eu tô falando do Jone! Ele vai ir buscar o Julinho na rodoviária. Ele tá vindo pra o Ano Novo, sabia? Sabia, Fulana?

Alô! Alô! Planeta terra chamando! Precisamos de você Bombeiro Mascarrado! Era isso que eu ouvia, quando abandonei minha máscara e meu roupão. Quando desisti de ser herói. O que faz alguém ser herói? Escrever bem? Aceitar tudo o que falam que você deve fazer? Ser um herói significa ser um RATO da ABNT? Não sei! Quando eu pensava ser um herói, era muito mais forte que isso. Eu nem imaginava essas possibilidades que citei. Era viver, e fazer o possível e impossível por aqueles que eu amo.

Mas um dia tudo desmoronou! Minha máscara quebrou! E eu morri! O Bombeiro morreu! Querem saber como? Pode doer um pouco, então... Se não estão preparados não leiam! Não pouparei a brutalidade e nem as palavras que fizeram com que eu voltasse a ser mais um ser humano, normal, sem poderes. E dói. Dói muito!

Era algum dia, que não lembro mais qual. A Memória me fez esquecer. Um dia onde eu deveria participar de uma reunião de heróis. Uma reunião onde esses heróis buscavam a luz. Que luz era essa? Ainda me pergunto! Mas via uma imagem, de um cara, crucificado, sofrendo, aquilo me machucava tanto. Eu não entendia o motivo, mas meus poderes aos poucos foram sumindo! Eram palavras como: aberração, anormal, e frases que me diziam que eu precisava mudar. Naquele momento perdi todos meus poderes. TODOS! Sofri, sofri tanto! Nunca senti tanta dor na vida como naquele dia! Os discursos seguiram, nem foi tanto tempo assim... Mas pareciam anos para mim. E no fim de todos eles, eu percebi que não tinha mais força para lutar, não tinha mais a máscara para colocar. Não tinha mais poder algum. NENHUM!

Respira, respira Bombeiro! Era isso o que eu pensava! Era só isso que eu pensava! Eu olhava para os lados, e ainda via pessoas, poucas, mas via pessoas que me amavam! No entanto, não era o suficiente! Ali morreu! Morreu o Bombeiro Mascarrado! Você já sentiu uma dor tão forte como se alguém estivesse tirando seu coração? Foi o que eu senti! Acabou! Acabou! Acabou! Parecia que tinha acabado! Mas... Não! Não! Não! Não tinha acabado!

Quem é seu pior inimigo? Aquele que pode tirar tudo de você? Tudo o que de mais puro existe em você? Eu nunca pensei, nunca imaginei! Eu, sem meus poderes de Bombeiro, frágil... Encontrar ele. O Corvo! Eu vi o Corvo! Ele me tocou! Ele... Ele respirou! Ele fez com

que eu pedisse perdão pelos meus pecados, ele... Naquele momento ele venceu! Ele venceu! Doeu! Muito! E ali... Naquela capela, naquele confessorário morreu o Bombeiro Mascarrado. Morreu! Morreu! Mas... O Corvo segue vivo!

Ai, que saudades que eu tenho da minha época de menina jovem! Perambulava pelo pátio fliertando com todos aqueles Galos deslumbrantes que viviam no galinheiro. Uê? Tão pensando o quê? Eu era a Galinha mais bonita do galinheiro. As outras... Ah, as outras morriam de inveja. Por que inveja? E simples, meus caros! Eu era a única que não ia pra panela! Sim, isso mesmo! Eu tinha um amigo! Que saudades do meu amigo! Espero que ele também tenha saudades de mim! Se bem que, é impossível não sentir saudades de mim, não acham?

Ah, esqueci de me apresentar! Eu sou a Romina, a galinha do Julinho. Isso mesmo! Sem piadas infames, por favor! Eu vivia no galinheiro da Dona Diamantina, vó do Julinho. Acabamos virando melhores amigos! Era Romina e Julinho pra lá, Romina e Julinho pra cá. Eu só não podia dormir com ele porque não deixavam, né? Mas o que importa mesmo é que o Julinho sempre me defendeu! Entendem agora porque as outras Galinhas tinham inveja de euzinha aqui? De manhá cedinho lá estava ele fazendo “piu, piu, piu” do jeito que a vó dele ensinou, me levando comida! Comida da boa! Tão pensando o quê? Ele até roubava um pouco da comida da Dona Diamantina pra levar pra mim.

Ai, que saudades eu tenho da minha época de menina jovem! Perambulava pelo pátio fliertando com todos aqueles Galos deslumbrantes que viviam no galinheiro. Aqui é um pouco sem graça, sabe? Ainda existem os Galos deslumbrantes, e sim... também existem as Galinhas invejosas pra eu me divertir com a cara delas. Mas não tem meu amigo, o Julinho... Como eu sinto saudades do meu amigo! Espero que ele também sinta saudades de mim! Se bem que, é impossível não sentir saudades de mim, não acham? Sou muito simpática!

Porque? Porque eu tenho saudades? Ah, meus caros... Eu era a preferida! O Julinho sempre me protegia! Era Romina e Julinho pra cá... Romina e Julinho pra lá... Mas não adianta! Um dia, toda Galinha caipira acaba na panela. Cedo ou mais tarde! Aqui do céu das Galinhas eu vi que o Julinho chorou muito, tadinho! Era tão apegado a mim. Deram até um cachorro pra ele com um nome estranho que eu nem lembro, mas ele não deu atenção pro cachorro. Pobre de mim, pobre do Julinho! Fomos separados por uma refeição! Mas não adianta, gente! Um dia, toda Galinha caipira acaba na panela!

7 Raízes

Poeta tem mãos de fada. Quando ele escreve, a caneta voa que nem borboleta, vira vareta encantada. Não é mais caneta, não. É Varinha de condão.

Leo Cunha

Todos chegamos nessa encruzilhada da vida, de questionarmos quem somos. Quem somos? O que somos? Porque somos? Para onde vamos? Por que vamos? Se qualquer um de vocês me fizesse essa pergunta nesse momento, eu não saberia responder. O que sei, é que “sou só mais alguém querendo encontrar a minha própria estrada pra trilhar”⁵. Uma estrada, ou raízes?

Prefiro chamar de raízes, e logo vocês entenderão o motivo. Brincando de ser o gêmeo bom e o mau nos espelhos de casa quando criança que descobri o quanto eu queria ser ator. Naquela época, não tinha o conhecimento do teatro, afinal, era um menino que morava em Santana do Livramento, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, extremamente tradicionalista, em que a sociedade não tem acesso a espetáculos teatrais. Naquele momento, meu sonho era ser ator de TV, influenciado também pelas novelas infantojuvenis que eu assistia, mas criança nunca quer ser somente uma coisa não é mesmo? Eu queria ser bombeiro, astronauta, jogador de vôlei, paleontólogo, jornalista, advogado, entre tantas outras coisas. Quando me tornei adolescente, o que geralmente acontece, aconteceu... Precisava pensar em uma profissão, estava ficando para trás em relação aos meus amigos, e isso me consumia. Fiz vestibular para direito em uma universidade particular, passei, mas não tinha como pagar. Fiz vestibular para desenho industrial, mas não consegui passar. No ano seguinte, fiz o vestibular para Artes Cênicas e não passei na primeira chamada, confesso que até hoje não sei se fui chamado nas outras porque nunca conferi. Na verdade nem tinha o conhecimento dessas outras chamadas. Como diria minha vó, agi como um bom bacudo de Livramento. Decidido a sair logo da cidade, utilizei o ENEM para entrar no curso de Filosofia Bacharelado e num primeiro momento achei que tivesse me encontrado. Mas não!

As raízes começaram a agir, e conheci meu grupo, a Cia. Retalhos de Teatro⁶. Nesse momento fui apresentado à magia do teatro e me

⁵ Frase da música *Super-Heroi (Não é fácil)* da dupla Sandy & Junior.

⁶ A Cia. Retalhos de Teatro tem 22 anos de idade e desenvolve suas atividades na cidade de Santa Maria, sob direção do ator, diretor e professor de Teatro Helquer Paez.

apaixonei. Aquele menino que brincava nos espelhos voltava a sorrir e percebeu que nessa profissão poderia ser todos que ele quisesse ser. Participei do meu primeiro espetáculo no ano de 2011, *O Santo Parto* de Lauro César Muniz, e tive a primeira grande paixão pelo meu primeiro grande personagem. Gosto de falar sobre isso, porque diferente de muitas pessoas que adentram o curso de teatro, independente de Licenciatura ou Bacharelado, eu tive minha primeira experiência fora da academia, e acho isso significativo. Acho que me fez mais maduro, e me fez ter outras perspectivas sobre o teatro na academia.

São dessas vivências que eu tentei falar nesse trabalho esquizofrênico, sabe? Desses momentos de formação. Dessas raízes. Na academia fui apresentado para o mundo docente, um mundo pelo qual eu não esperava me apaixonar. Mas me apaixonei! Tive experiências frustrantes e ao mesmo tempo gratificantes em sala de aula, o que o bacharelado não possibilitaria na mesma intensidade. Tive poucos momentos artísticos no curso, por já trabalhar com um grupo fora, mas os que tive foram extremamente significantes e os guardarei sempre na memória, como o espetáculo *Zero à Esquerda*, adaptação do romance *Jakob von Gunten* de Robert Walser. Participar de um grupo fora da academia e ao mesmo tempo estar frequentando o curso me mostrou também o quanto essa discussão de ser professor e de ser artista não faz mais sentido para mim. Eu sou quem sou. Eu sou o Julio cheio de raízes. Sou o Julio que nasceu em Porto Alegre, mas viveu a vida toda em Livramento. O Julio que passou em direito, mas cursou filosofia. O Julio que é acadêmico de licenciatura em teatro, mas é artista. Todos em um só. E ponto. Vou totalmente contra o discurso infame, com o perdão da palavra, de muitos profissionais de teatro sobre o seu comportamento em sala de ensaio: ‘Esqueçam tudo o que vocês vivem lá fora, seus problemas pessoais, o que for! Aqui dentro da sala de ensaio precisamos estar em estado de alerta! Estar vivos!’ Sentir, lembrar, confundir. Isso é estar vivo para mim. Talvez por isso gosto tanto de brincar com o real e o ficcional, tenho tesão pela memória. Porque são esses momentos de virada, esses momentos-charneira, como Josso⁷ se refere, que fazem sentido para mim:

Nesses momentos-charneira, o sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas. Surgem-lhe perdas e ganhos, e nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo, ou o que mobilizou a si mesmo para se adaptar à mudança, evitá-la ou repetir-se na mudança. (JOSSO 2014, p.67).

⁷ Teórica nas linhas de história de vida e formação.

Os fatos (auto)biográficos apresentados aqui anteriormente em forma de contos podem parecer banais. Mas foram eles que se transformaram nos meus momentos-charneira. É através deles que posso fazer as reflexões que estou fazendo agora sobre minha trajetória, ou, no caso, minhas raízes. Brincar com a ficção é algo que me deslumbra desde criança, e trazer essas vivências em formato de contos é a minha forma de mostrar isso. Em cena eu também sou assim. Eu brinco que defendo meus personagens, sabe? Pode ser o grande vilão, mas eu sempre tento aproximá-lo de mim. Isso significa que eu defendo os atos dele? Obviamente não! Significa ter uma capacidade de escuta. Capacidade de escutar a imaginação. Não como uma mentira, mas como uma escolha ética. Quando eu falo da imaginação, dos contos, e das minhas criações artísticas através de fatos (auto)biográficos, não se trata de uma imaginação firmada por uma representação, mas sim de uma imaginação que se adapta, escuta, aceita o que é mobilizado em mim e no outro pelos encontros que fazem esses fatos (auto)biográficos vivos e pulsantes, reais dentro de mim. Sánchez⁸ separa a busca do real, ou da realidade, da irrupção do real. A irrupção do real deve ser entendida como consequência da cena, isto é, como resultado da experiência do espetáculo, como ordem do acontecimento, é o mostrar para experimentar. O real deve ser entendido como “ser” e não como “mostrar”, é a produção de experiências/desejos/ações verdadeiras que potencializam, pelo menos nas minhas criações, a força do real no ficcional.

A representação da realidade é, de fato, um problema muito distinto ao da irrupção do real. Em alguns casos ambas ações podem coincidir e a presença do real pode servir para garantir a efetividade de uma representação. No entanto, em muitos casos, a representação do real não é mais que uma desculpa, inclusive uma armadilha, quando do que se trata é precisamente de renunciar a uma construção dos fatos com sentido, isto é, de uma realidade compartilhada ou suscetível de ser compartilhada. (SÁNCHEZ, 2007, p.2)

Eu iniciei esse trabalho focando na construção do real através do ficcional para a cena, com a vontade de pôr minha história de vida em cena, em um espetáculo solo. Eu estaria sendo? Ou estaria mostrando? Eu ainda não tenho essa resposta. Talvez nunca a tenha. Talvez nunca faça esse espetáculo. Mas descobri o que sou por trás desses fatos (auto)biográficos. Um dramaturgo. Lambuzar-me na escrita através dessa imaginação ética fez com que eu me reconectasse comigo mesmo. Quando iniciei essa reflexão, pensei o quanto eu me transformei durante o

⁸ José Antônio Sánchez é um historiador espanhol e atuante nas áreas das artes.

processo de escrita desse trabalho. O quanto eu me envolvi com as personagens que narraram esse *Vivero*. É por causa desse trabalho que hoje tenho dois textos teatrais totalmente autorais. Dois espetáculos que já estrearam, e que só me mostram que esse trabalho foi muito mais sobre a ficção do que o real. Mas como a própria Memória disse lá em cima, não importa para nós: se está aqui é real, mesmo o ficcional. Viajei no tempo, viajei entre mundos, viajei dentro do meu ser. Esse trabalho esquizofrênico, como eu gosto de rotular, foi e voltou diversas vezes para o mesmo lugar. Minha história de vida! Citando Ferrarotti⁹ (2014, p. 48): “Essa reflexão é essencialmente um ensimesmamento, um olhar para trás e para dentro — uma perspectiva narrativa baseada na reminiscência: um olhar sobre o olhar. É por essa razão que a reflexão não comporta apenas o tempo, mas também a possibilidade/vontade de usá-lo ou de perdê-lo”.

Por isso defino minhas trajetórias não como trajetórias, mas como raízes. Raízes que nasceram, mas não ficaram fixas em um só lugar. Raízes que continuam crescendo e se espalhando. Encontrando novos heróis, novos vilões. O *Vivero* começa a se fechar, provavelmente surjam outros *Viveros*, mas o objetivo desse se conclui com o final dessa viagem. Por fim, sem perceber, encontrei a palavra que está no título desse trabalho, e que eu jurava que não encontraria. Formação! É... A formação é tudo isso que tá aqui, junto, misturado, e bagunçado. Sem gavetas! Obrigado pela paciência! E um até breve, com muito carinho!

⁹ Professor emérito da Universidade de Roma La Sapienza. Pesquisador e teórico na área das Ciências Sociais.

8 Dança das memórias

A primavera é a estação dos risos.
Casimiro de Abreu

Gente, eu estou tão emocionada! O quê? Vocês acham que eu não me emociono, é? Emociono-me, sim! Adoro finais felizes! É... Eu sei que fui um pouco ranzinza durante esse nosso encontro, mas também... O Julio fala demais! Bom... Mas eu acho que já impliquei muito com ele, né? Chega! Vamos ao que interessa! Tá... Eu já entendi que o trabalho acabou, Julio. Mas... Fica quieto, menino! Eu só quero me despedir!

Amigos, está na hora de eu partir! É... Eu sei que vocês não queriam isso, mas fazer o quê, né? Assim como a Romina acabou na panela, eu preciso voltar para o mundo das Memórias. O Julio tá muito emocionado nesse momento e não teria a capacidade de fazer o que vou fazer agora. Vocês lembram que um dos nossos pontapés iniciais para tudo isso aqui foi a Roda de Memórias com as Vovozinhas do Lar, não é mesmo? É... O Julio tá aqui chorando do meu lado, só de ouvir eu falar. Pois então... Esse ano, quase no finalzinho da escrita do *Vivero*, tivemos um reencontro belíssimo com elas. É... O Julio fez seu último estágio lá, acompanhado de sua colega Raquel Zepka. Nesse estágio, eles não fizeram só práticas teatrais, mas também ajudaram elas a aprender uma coreografia para um grande baile beneficente. Pois é... Creio que estas experiências que o Julio teve no Lar das Vovozinhas, foram as mais significantes em sua formação. Lá ele não só se experimentou como professor, com as oficinas práticas de teatro, mas também como artista e como ser sensível. O estágio se dividiu em duas oficinas que se interligavam, a primeira que focava na iniciação teatral, com jogos, exercícios de consciência corporal e improvisação, e a segunda que ia de encontro ao universo da Memória, eu. O objetivo dessas duas oficinas sempre foi unir as histórias de vida das vovós ali presentes, na criação de pequenos fragmentos de cena, a partir de improvisações. Foi através dos seus relatos, de assuntos que elas consideravam pertinentes, de suas canções preferidas, de versos, que esses fragmentos foram ao longo dos encontros tomando corpo. É necessário levarmos em consideração as limitações físicas e psicológicas dessas senhoras, que vivem uma realidade de abandono, apesar de serem bem tratadas no Lar, mas que não deixa de ser um espaço de assistencialismo.

Uma formação significativa não se concretiza somente pelas características institucionais que os acadêmicos vivem, ela se concretiza na

alma. Na capacidade de se permitir experimentar novos universos. O Lar das Vovozinhas fez isso para o Julio, quando ele precisou sair da posição de aluno preso aos muros da instituição, e percebeu que a metodologia se modifica dependendo do espaço que ele está, as coisas começaram a fazer mais sentido. Assim como eu, Memória. Me modifico. E eu gosto disso. Ter a sensibilidade e a capacidade de identificar quais exercícios precisavam ser modificados, como modifica-los e como não sair dos trilhos que levavam aos objetivos das oficinas. Falamos muito dos momentos de virada do Julio, talvez seja difícil pra alguns de vocês identificarem. Então deixarei claro: os momentos de virada são as Memórias dessas vivências, que foram transformadas em contos, que cada uma com sua particularidade deram impulsos interiores para que o Julio tivesse atitudes que fizeram com que ele fosse levado para outros lugares. São esses fatos(auto)biográficos, que nos trouxeram até mais um momento de virada, que foi a escrita desse *Vivero*, e foi a vivência no Lar das Vovozinhas que possibilitou darmos inicio a tudo isso. Identificamos então, eu e o Julio, a importância do Lar das Vovozinhas na finalização da graduação do Julio. Com essa identificação também surge um questionamento: qual o lugar do teatro na comunidade? Sabemos que o teatro é transformador, que a arte em si é transformadora, mas como resistir quando percebemos que em muitos lugares, como o próprio Lar das Vovozinhas, os seus administradores enxergam as artes como recreação e não como transformação? Saímos, eu e Julio dessa experiência com uma única certeza: mesmo sem todas as respostas, o papel do artista, do professor, é resistir! Que ele continue resistindo, buscando novas raízes, novos Lares, novas escolas, novas Memórias, e novas histórias de vida, para se transformar e consequentemente transformar o próximo.

O Julio fala em raízes. Mas eu prefiro falar em flores! Porque as vovós do lar são flores, mas elas também são memória. Então eu peço a vocês, que enquanto eu estiver partindo, devagarinho, deixando vocês aqui... Vocês voltem lá no inicio desse livro, releiam os relatos dessas flores, coloquem novamente a música que é indicada lá, e dancem com elas, dancem com as flores, dancem com a Memória! Foi um prazer estar com vocês! Obrigada por fazerem parte do nascimento do *Vivero*, obrigada por estarem na vida do Julio. E... consequentemente, na minha!

Até um dia... Quem sabe, né?

Referências bibliográficas

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução, Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- DELGADO, Lucilia de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**. v. 6. p. 9-25, Associação Brasileira de História Oral, 2003.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do individuo-projeto** / Christine Delory – Momberger; tradução e revisão científica Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passagi. – 2. Ed. – Natal, RN: EDURFN, 2014.
- FERRAROTI, Franco. **História e História de vida**/ Franco Ferrarotti; tradução Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDURFN, 2014.
- JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In.: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org). **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad. Maria Nóvoa. 2ª ed. Natal/RN: EDURFN, 2014.
- NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org). **O método (auto)biográfico e a formação**. Trad Maria Nóvoa. 2ª ed. Natal/RN: EDURFN, 2014.
- SÁNCHEZ, José Antonio. **Prácticas de lo real en la escena contemporánea**. Madri: Visor, 2007.